

MITO E ECOLOGIA EM HORÁCIO

Dante TRINGALI*

A escolha de Horácio para demonstrar a vinculação entre poesia, mito e ecologia, se explica, não só por se tratar do maior poeta lírico de todos os tempos e a mais importante fonte da literatura ocidental, mas sobretudo porque, nele, esta vinculação se dá de modo exemplar.

Vive em função da poesia, pertencendo de corpo e alma às Musas, das quais se declara sacerdote. "Musarum sacerdos" (3, 1, 3).**

* Docente do Programa de Pós-Graduação

** A citação das obras de Horácio segue a seguinte convenção:

Odes (4 livros) - cita-se apenas (o nº do livro, nº da ode, nº do verso)

Epodos (1 livro) - (*Epodos*, nº da ode, nº do verso)

Sátiras (2 livros) - (*Sat.* nº do livro, nº da sátira, nº do verso)

Epístola (2 livros) - (*Epist.* nº do livro, nº da sátira, nº do verso)

Arte Poética (Livro 3º das *Epístolas*) - (*Arte*, nº do verso)

Carmen Saeculare (1 hino) - (*Car. Saec.* nº do verso)

E realiza os dois níveis da poesia: é **poeta** pelo domínio da teoria e técnica da poesia mas é também **vate**, isto é, poeta inspirado, iluminado pela sabedoria divina, apresentando-se como "pius poeta" (4,6).

Ora, a matéria da poesia vem do mito, o poeta produz e reproduz o mito. Tudo na poesia de Horácio se liga ao mito, até e, sobretudo, os acontecimentos mais insignificantes. Acontece, porém, que o mito serve à ecologia, pois os mitos foram inventados para proteger a ecologia.

Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. - 8 a.C.) não nasceu em Roma, mas no interior, na Itália meridional, em Venosa, filho de um escravo público que comprou a própria liberdade e um pequeno sítio, onde passa a infância, vivendo no mundo dos mitos. Ele conta que, um dia, errando pelas sendas do monte Vultur, já distante de casa, cansado de tanto brincar, cai prostrado de sono. A região era infestada de serpentes e ursos. Vieram então as pombas de Vênus e o cobriram com folhas de mirto e louro e nada lhe aconteceu. A notícia do milagre divulga-se (3,4).

O pai, percebendo a vocação intelectual do filho, leva-o para estudar não em Venosa, mas na própria Roma, onde frequenta os mais afamados

mestres (*Epíst.* 2,1,71).

Concluída essa fase de estudos, seu pai o envia a estudar em Atenas, capital cultural do mundo, a fim de completar sua formação.

É nesta altura, que o colhe a guerra civil, travada entre os republicanos, que haviam assasinado César, liderados por Bruto e Cássio e os herdeiros de César, a saber, Otávio e Marco Antônio. Horácio se arrola ao lados dos primeiros, que serão vencidos na batalha de Fílipos, em 42 a.C., na qual toma parte, mas no momento crítico do combate, abandona o escudo e foge, salvo por Mercúrio, deus protetor dos poetas. Na verdade, sua atitude significa uma contestação radical da guerra (2,7).

Anistiado, volta para a Itália, tendo sido salvo milagrosamente de um naufrágio na travessia por mar (3,4,28).

Como soldado do exército vencido, tem seus bens paternos confiscados. Para sobreviver, arruma um modesto emprego de escriturário. Escreve então alguns versos satíricos que lhe dão notoriedade. Virgílio e Vário, seus amigos, o apresentam a Mecenas que toma, sob sua tutela, intelectuais e artistas para enquadrá-los nas reformas de Augusto. Houve entre os dois uma rápida

entrevista, onde Horácio acentuou sua condição de filho de um escravo liberto. Meses mais tarde, os dois se reencontram e se estabelece entre ambos uma das amizades célebres da História (Sat. 1,6).

Horácio recusa um alto cargo que o imperador lhe oferece. Nega-se a escrever epopéias pelo caráter aventureiro e bélico que possuem e se propõe a dar sua contribuição como poeta lírico, e assim mesmo de um lirismo menor, que, no entanto, o põe em contato com os deuses superiores (1,1,30).

Para ter independência econômica e se dedicar integralmente à poesia, Mecenas lhe oferece, em 34 a.C., um sítio: **A Vila da Sabina**, perto de Tívoli, não longe de Roma. Ele volta então às suas origens camponesas.

A seguir, acontece a ruptura entre Otávio e Marco Antônio. Essa é a fase mais triste da vida de Horácio - quando explode uma nova guerra civil. Em Actium, em 31 a.C. Otávio vence Marco Antônio aliado com Cleopatra. Começa então a paz de Augusto depois de quase um século de guerras civis. A partir de então, Horácio delira de felicidade até o fim de sua vida.

Não sente muito entusiasmo por Roma e prefe

re viver no campo, concebido como lugar ideal. Aí ele convive mais intensamente com o milagre e o mito. Um dia, uma árvore quase lhe cai na cabeça, mas foi desviada por Fauno que socorre os poetas amados de Mercúrio (3,8). Como místico, que certamente era, percebe a presença dos deuses. E pensa estar tomado de uma "amabilis insania" quando crê ver e ouvir Calíope que erra por seus bosques (4,9). De outra feita, vê Baco ensinando cantos às Ninfas e aos Sátiros (2,19). E pressentindo a incredulidade, confirma que realmente viu: "credite posteri", "crede-me gerações vindouras!"

A vida e a obra de Horácio têm uma dimensão poética, mítica e ecológica; a poesia vive em virtude do mito e o mito e a ecologia se correlacionam.

POESIA ECOLÓGICA E MITOLÓGICA

Depois de muitos séculos de guerra externa e de quase um século de guerras civis, com a ascensão de Augusto ao poder, Roma e o mundo conhecem a paz. A guerra sempre foi o mais poderoso e terrível fator de desequilíbrio ecológico. Restava pela frente, ao Imperador, uma longa obra

de reconstrução física e moral.

Cabe a Mecenas convocar os homens de talento e comprometê-los com os ideais salvadores do Estado Romano. Horácio faz parte do grupo dos poetas convidados. Isso prova que nesta época se concebia o poeta não como "um ser maldito", mas benfazejo, "útil à cidade" (*Epist.* 2,1,119). A este propósito Horácio consagra a doutrina que vem atravessando século - que o objetivo da arte e, em particular da poesia, é não apenas agradecer por seus valores estéticos, mas também ensinar e educar. Ele defende a tese da missão civilizadora da poesia. Sempre nas épocas de barbárie, são enviados à terra os poetas - vates como Mercúrio, Orfeu, Anfião ... Horácio se sente chamado para exercer o mesmo papel num mundo arrasado. O objetivo de sua poesia é ecológico.

A poesia tem raízes mitológicas e, pois, religiosas, sendo uma dádiva gratuita dos deuses. O poeta não se escolhe, é escolhido e escolhido para um ramo preciso de poesia. Horácio reconhece que ao nascer foi assinalado pelas Musas. Mercúrio, protetor dos poetas, vela miraculosamente por ele em vários incidentes de sua vida, salvando-o da guerra, do naufrágio e da queda de uma árvore.

Chamado para a poesia, o eleito necessita preparar-se por um longo e diuturno estudo, dominando todos os recursos, de modo a se transformar num "doctus poeta". Mas não basta a técnica. Sem a inspiração, uma nova dádiva dos deuses, não acontece a produção de um verdadeiro poema. O poeta funciona como instrumento dos deuses. Na verdade, um deus se apodera do poeta. A influência dos deuses varia conforme o gênero de poesia. Horácio recebe sua força de Apolo, de Baco, de Vênus. Sem engenho e arte não existe poesia.

Do ponto de vista temático, a poesia se alimenta do mito, sua matéria essencial. A missão do poeta consiste em recolher os mitos e produzir mitos, atualizando-os. O pretexto mais correto se liga sempre a um arquétipo mítico. No mito, se encontra, em última análise, a explicação de tudo. Quando Horácio toma em seus braços a lira, se recorda de Mercúrio que a inventou engenhosamente e a deu, como propriedade, ao irmão Apolo a quem ela fica consagrada (1,10/1,32).

A Poesia quase sempre acompanhada de suas companheiras inseparáveis, a música e a dança, é de todas as artes a que dispõe de mais vigor mítico e ecológico. As demais artes não conseguem

desenvolver o teor do mito e sua lição.

De todos os gêneros de poesia: o lírico, o épico e o dramático, a maior eficácia reside no primeiro. De fato, a epopéia que tem seu modelo em Homero, apresenta duas vertentes: uma bélica, a *Ilíada*, outra marítima, a *Odisséia*. Atribui a ambas uma ambigüidade indisfarçável. Uma, ao mesmo tempo que mostra os males da guerra, estimula a guerra; a outra, ao mesmo tempo que mostra os perigos de naufrágios, estimula as aventuras pelos reinos de Netuno, em busca de guerras e riquezas.

No que se refere ao gênero dramático, não descobre maior proveito. A tragédia, parasita da epopéia, se compraz em exhibir muita crueldade, violência, carnificina: um pai que mata a filha, a mulher que mata o marido, os filhos que matam a mãe ... A comédia não tem melhor sorte, não consegue executar seu papel de castigar os costumes, degenerando em grosserias sem falar no desacato aos deuses. Além de que o espectador se interessa apenas pelas grandes montagens, não pelas fábulas.

Horácio, destinado ao gênero lírico, se furta intransigentemente a enveredar pela epopéia, pela tragédia e pela comédia, alegando que

ficam acima de suas forças (no que ninguém acreditaria); trata-se de uma aversão radical.

Quanto ao teatro, age como a pedra de amollar, embora ensine alguns amigos a fazer teatro, em sua *Arte Poética*, dentro de certa dignidade, ele mesmo se recusa a escrever peças.

Quanto a epopéia, sua incompatibilidade se agrava, nega-se a atender os insistentes pedidos de Augusto, de Mecenas, de Agripa para que lhes celebrasse os feitos. Assevera que sua musa é "imbellis", não guerreira, "jocosa". De certo que concorda em participar da obra de Augusto, mas a seu modo. Com certeza, vê mais longe que o imperador que não se dá conta das conseqüências nefastas da epopéia. Em todo caso, em sua obra lírica, Horácio imortaliza, sem bajulação, o Imperador, não como guerreiro, mas como pacificador, que ao mesmo tempo resgata a pureza dos mitos e restabelece o equilíbrio da natureza ofendida (1,6/2,12/2,1).

Não é tudo; Horácio se decide pelo lirismo, os deuses lhe proíbem outro caminho: acontece que o lirismo se divide em duas linhas bem distintas. De um lado, o lirismo coral, solene e grandioso, que se compraz especialmente em celebrar os triunfos nos combates esportivos e atin

ge seu ponto alto com Píndaro, um rio imenso. De outro lado, o lirismo individual, chamado eólio, que tem como modelo principal Alceu e consta de breves poemas, em ritmo suave, celebrando os fatos comuns da vida sobretudo o amor, a amizade, a confraternização, a devoção pelos deuses. Horácio admira, mas não se interessa, pelo primeiro modo. Sua vocação única e definitiva é o segundo modo, mais simples e modesto, inclusive pouco valorizado em Roma (Cícero - Orator, 183). Esse o melhor instrumento para cultivar o mito e desentranhar suas lições ecológicas. Ele quer, acima de tudo, ser coroado poeta lírico com a hera de Baco ou quem sabe com a coroa de louro de Apolo, sonhando ser apontado, nas ruas, como o grande poeta latino do lirismo menor (1, 1,29/4,3).

Ele aprende a técnica do gênero com os gregos, mas não imita servilmente os modelos, transportando-os de modo original e crítico para a literatura latina, tendo consciência de inaugurar uma nova forma de lirismo, nunca antes conhecido, com um outro espírito, rasgando horizontes para um bucolismo de caráter realmente ecológico (1.32/ 3.1.2/ 3,25) (*Epist.* 2.2.144) (*Epist.* 1,19,19).

A ECOLOGIA

A ecologia estuda as relações entre o homem e a natureza. É uma ciência prática, pois se preocupa com o modo correto de tratar a natureza. Hoje ela se fundamenta em bases científicas e começa a se impor como a ciência das ciências. E.H. Haeckel cunhou a palavra no século passado. Etimologicamente, significa: estudo (= logia) da casa (= oikos), querendo dizer: o conhecimento de nossa morada, do universo em que habitamos.

A palavra ecologia guarda analogia com economia. Economia se forma de oikos (= casa) + nomos (= norma), querendo dizer as leis que regem a nossa casa e, por extensão, a cidade, a nação, o mundo. Ela tem por objeto o estudo da produção, distribuição, circulação e consumo dos bens. Esse confronto nos permite concluir que a ecologia é o tratamento econômico da natureza e a economia o tratamento ecológico da natureza.

Se a palavra ecologia, como é óbvio, não existe em Horácio, não falta o conceito correspondente, explorado ao máximo. Ele define-a como a arte de fruir os dons da natureza (*Epist.* 1, 4,7), "artem fruendi", de saber usar os dons da

natureza (*Epist.* 1,10,41). Caracteriza-se como uma sabedoria.

Nele a ecologia se liga à mitologia. Efetivamente Horácio vive numa época que A. Comte classificou de Teológica - quando os fatos se explicam através da intervenção de entidades espirituais. Restaria saber se ainda hoje a ecologia científica, positivista, dispõe de mais eficácia que a mítica!

Princípios fundamentais

1º) A virtude se encontra sempre no **meio** termo, entre extremos viciosos (*Epist.* 1,18,9). "Est modus in rebus" (*Sat.* 1,1,106). Há sempre um modo correto, equilibrado de fazer tudo. Horácio quer precisamente acentuar a necessidade de manter o equilíbrio da natureza, evitando os excessos.

2º) Para manter o equilíbrio da natureza, o homem precisa **seguir a natureza**, viver de acordo com as leis da natureza (*Epist.* 1,10,12), importa viver dentro dos limites da natureza, "intra naturae fines" (*Sat.* 1,1,49). A natureza **reprimida** sempre reconquista seus direitos (*Epist.* 1,10,24). A própria natureza revela suas leis, "monet ... natura". (*Sat.* 1,2,73). E de que modo

revela suas leis? Ela o revela pelas conseqüên
cias, mostrando o que é útil e o que é nocivo
(*Sat.* 1.3,113).

3º) O universo se rege por leis, mas as
leis representam a **vontade soberana de Júpiter**,
deus supremo, que tudo rege, através de entida
des espirituais que o servem. No mundo do mito,
reina o indeterminismo, onde o milagre aconte
ce. Os deuses podem ser persuadidos por atos de
culto: prece, oferendas, sacrifícios. Pela pieda
de, o homem obtém os favores da natureza. "Os
deuses, diz Horácio, me protegem, a minha musa
agrada aos deuses" (1,17,13).

Repertório de crimes ecológicos

De onde em onde, deparamos, na obra de
Horácio, com a denúncia e condenação de crimes
ecológicos que, para ele, equivalem a atos de
impiedade (1,3/3,6).

Nas cidades inchadas, pelo abandono dos cam
pos, provocado pelas guerras internas, assiste-
se a uma verdadeira febre de construções de al
tos edifícios que toldam os céus, "moles regiae".
A vida nas cidades se assemelha a um mar agita
do, onde não se encontra nenhum lugar propício
à meditação. Ninguém consegue escrever nas gran

des cidades (*Epist.* 2.2.65). Dia e noite registra-se intensa poluição sonora causada sobretudo pelo "strepitus rotarum", pelo barulho dos carros, que levantam muita poeira. A fumaça sobe pelos céus. A água que se bebe tem o gosto do encaçamento de chumbo. (*Epist.* 1,17,7/2,2,79). O interesse privado se sobrepõe ao público. Já não se encontram relvados espontâneos (2,15).

As casas particulares ostentam mais riqueza que os templos. O interior das casas parece vazio se não estiver cheio de coisas inúteis. Vêm-se tetos de ouro e marfim, colunas de mármore, tapetes de púrpura, jóias, estatuetas, prata, tudo vindo de longe, a altos preços, dando indícios de pilhagens da natureza (*Epist.* 1,6,45/2,2,180), (2,18).

De um lado, mansões, de outro, mansardas; por toda parte, favelas e cortiços "pauperum tabernas. regumque turres" (1,4,13).

Constroem-se tanques, verdadeiros lagos artificiais para mero divertimento, pondo em risco o equilíbrio das águas (2,15).

A ambição desmedida de lucro imobiliário leva a construir nas praias, quase dentro do mar, roubando o espaço aos peixes (3,1,33/ 3,24,3). Por outro lado, constroem-se obras faraônicas,

tais como portos artificiais, aterram-se mangues, mudam-se os cursos dos rios, sem respeito às leis da natureza (*Arte* 63-68) que logo revindica seus direitos.

Os palácios invadem os campos, diminuindo as terras aráveis. Os campos se transformam em parques e jardins em vez de hortas, pomares e pastos. Substitui-se o olmeiro que serve de apoio à videira pelo plátano solitário e inútil. Os olivais cedem o lugar a canteiros de violeta e mirto. Onde se deveria plantar a videira, plantam-se árvores copadas apenas em virtude da sombra (2,15).

Invadem-se as terras dos vizinhos mais fracos, expulsando as famílias que fogem levando apenas seus deuses Penates (2,18,25), violando assim os limites sagrados que separam as propriedades protegidas por Silvano e quase sempre divididas por fileiras de choupo (*Epodo* 2,22).

Ele acusa ainda a pesca predatória, a caça por passatempo, a expoliação das matas. Acima de tudo, lastimam-se os efeitos danosos da guerra, acarretando consigo, além de tanta ruína, a escravidão humana desterrando multidões de homens de seu "habitat" natural.

Raiz dos males ecológicos - remédios

A raiz principal de todos os males ecológicos se encontra na injusta apropriação da natureza, seja pela concentração do capital, seja pelo latifúndio improdutivo. Horácio se pergunta porque uns têm tanto e outros nada? "Cur eget indignus quisquam te divite?" (*Sat.* 2.2,104).

Essa distribuição inadequada dos bens determina o desequilíbrio entre os homens em relação à natureza, permitindo que a muitos faltem meios essenciais para viver. (*Sat.* 1,1,74).

Tudo deriva da insaciável "fome e sede de riquezas" (*Epíst.* 1,18,23), sob pretexto que se vale pelo que se tem, não pelo que se é (*Sat.* 1,1,62), quando na verdade se mede o homem por sua sabedoria e virtudes.

A solução deste problema consiste em eliminar os excessos: nem muita riqueza nem muita pobreza.

Quanto aos bens de capital basta, para que o homem viva segundo as leis da natureza, que tenha o suficiente, o "quantum satis", o essencial para satisfazer suas necessidades básicas: "vivitur parvo bene", vive-se bem, com pouco (2,16,13).

De um lado, a muita riqueza não faz necessa

riamente ninguém feliz (*Epist.* 1,17,9), nem dá nobreza: não raro, costuma ser motivo de muito dano (3,24,48) e suprema fonte de corrupção, como ensina o mito de Júpiter e Danae (3,16) e não livra da morte inevitável.

De outro lado, não concorda com a miséria, "importuna pauperies". Feliz o homem a quem os deuses deram o necessário (3,16). Na conceituação de Horácio, não se considera pobre quem dispõe de tudo que precisa (*Epist.* 1,12,4).

O importante é saber usar porque a riqueza deve servir, não dominar (*Epist.* 1,10,48). Ora, em relação à fortuna cometem-se dois vícios extremos, ambos abomináveis: a **prodigalidade** e a **avareza**, temas constantes da indignação do poeta.

Para si, Horácio pede a Apolo e Diana, não riquezas, mas fruir o pouco que tem, com saúde física e mental, nunca desamparado da poesia (1,31,18).

Quanto ao **latifúndio**, não entende que um homem possua verdadeiros impérios em terra, particularmente estigmatiza o latifúndio improdutivo, realizado à custa de invasão de terras públicas e privadas, onde não se produz bens de consumo, apenas inutilidades, fora de lugar; veja-se

a propósito a Ode 2,15. A própria religião indo europeia se incompatibiliza com a grande proprie dade, como ilustra o livro *A Cidade Antiga*, de Fustel de Coulanges. Toda família necessitava ab solutamente de um trecho de terra para satisfazer às exigências de seu culto. Não se concebia uma família sem sua pequena propriedade.

Horácio propõe, como solução, a divisão das terras em pequenas propriedades, um pequeno cam po, "agellus", "parva rura", e aponta como mode lo seu sítio, em Tivoli, a Vila da Sabina, com alguns alqueires 3,16,29, na medida exata de seus desejos, "Hoc erat in votis: modus agri non ita magnus" (Sat. 2,6,1), o que tem acha "satis superque", o mais belo lugar do mundo (2,6,13).

Parece que o romano não se convenceu da men sagem de Horácio e, anos mais tarde, Plínio tris temente constata: "latifundia perdidere italiam".

Sem contestar o direito de propriedade, so bretudo da pequena propriedade, questiona o al cance do conceito, de acordo com o Direito Roma no, como um "jus utendi et abutendi", direito de usar ou não, de fazer o que bem quiser. Em defe sa de sua tese, lembra que houve numa fase feliz da história, quando reinava o comunismo primiti vo. A terra, então, não pertencia a ninguém,

"erat nulli propius" (*Sat.* 2,2,134). E comprova este fato com um argumento de ordem antropológica: este comunismo ainda sobrevive em povos primitivos como os getas e os citas (3,24,9). O direito de propriedade surge na idade de decadência, na idade do ferro, arrimado no poder das armas, originando-se quase sempre de motivos excussos, "mala razione".

Na realidade, o direito de propriedade se constitui numa grave ilusão. Primeiro porque ninguém é dono perpétuo, a propriedade passa continuamente de mão em mão, consoante os caprichos da deusa Fortuna. Segundo porque nem sempre o que tem a propriedade exerce a posse e quem exerce a posse é o verdadeiro proprietário. Terceiro porque, no final das contas, dono de verdade é quem usa e consome os produtos de propriedade, aquele que compra no varejo as frutas, verduras, cereais ... (*Epist.* 2,2,158). De que me serve a fortuna, se não me é dado usá-la (*Epist.* 1,5, 12)?

A MITOLOGIA

A mitologia se relaciona com a ecologia na poesia de Horácio, sem que se possa dizer se a

ecologia deriva da sabedoria dos mitos ou se a mitologia deriva da ecologia, de modo que se constituem os mitos a fim de proteger a ecologia.

A obra de Horácio é mitológica na medida em que fala dos mitos da antiguidade clássica e replete sobre eles. Não se trata de ingredientes acidentais, mas fazem parte essencial da estrutura da obra.

A unidade básica da mitologia é o mito. Em Horácio, não aparece a palavra grega *mythos* (=mito), que só entra na língua latina originária de uma raiz que significa falar, contar, conversar. Como a palavra mito, "fabula" tem o sentido geral de narrativa e tanto se emprega para indicar uma narrativa literária, como se emprega para indicar uma narrativa sagrada, cujo conjunto forma uma mitologia.

Pela leitura da *Arte Poética*, parece que o mito (ou fábula) literária tenha sempre como fonte o mito sagrado. A literatura é das artes a que mais trabalha com o mito, ou reproduz o mito conforme vem da tradição, ou inventa, quer dizer, mistura o mito com ficções (119.128,131).

O mito significa para Horácio e, para nós, uma narrativa sagrada. Não deixa de ser uma for

ma de conhecimento intuitivo por parte de um povo. É uma verdadeira revelação.

Hoje a mitologia clássica (o que acontece com qualquer mitologia) nos parece, às vezes, desnorteadora, contraditória. Convém saber que a chave da compreensão da mitologia clássica não chegou até nós. Ao lado da mitologia oficial, havia uma interpretação esotérica, feita apenas para os iniciados, sobre a qual se devia guardar segredo. Horácio, em várias passagens de sua obra, se mostra muito empenhado em que não se desvele os arcanos das religiões de mistério. Na Ode 3,2, fala dos riscos que se corre ao divulgar o que se passa na religião de Ceres. Na Ode 1,17, aconselha que nas reuniões entre amigos não se beba em excesso de modo a trair os segredos do culto de Baco.

A rigor, os mitos narram as histórias dos deuses. Importa não dar à palavra "deus" na mitologia clássica, o sentido que a palavra tem no cristianismo, reservada exclusivamente para o ser supremo; atribuída a outro ser, implicaria no pecado de idolatria. Na antiguidade clássica, tanto se aplica ao Ser Supremo, como a espíritos intermediários, a enviados dos deuses à terra, a homens divinizados pelo mérito de suas vir

tudes. Tenha-se, pois, muito cuidado ao se rotu-
lar indiscriminadamente todo pagão de politeí-
sta! Horácio, por exemplo, defende o mais rígido
monoteísmo.

Outro ponto importante a ressaltar: a mito-
logia faz parte integrante de uma religião, sen-
do objeto de crença, de ritual, de devoção. Sem
dúvida que havia descrentes, céticos, indiferen-
tes, como acontece com qualquer religião. Não
é esse o caso de Horácio. Ele confessa que, ape-
nas numa breve passagem de sua vida, seduzido
por amalucadas sapiências, negligenciou o culto
dos deuses e felizmente logo volta ao abrigo da
religião 1,34. Em filosofia, não segue a nenhum
mestre, a nenhum sistema (*Epist.* 1.1.14), subor-
dinado a Filosofia à Teologia, vem daí seu ecle-
tismo como pensador.

A veneração amorosa de Horácio aos deuses
não visa a mero efeito, convence. A religião pe-
netra profundamente sua poesia. Convictamente,
adere à obra religiosa saneadora de Augusto.

O mito é, portanto, uma narração sagrada,
religiosa, verdadeira que explica o universo e
ensina a viver e, salientando um elemento prin-
cipal da narrativa, pode-se dizer que conta a
história dos deuses, respeitando-se a hierarquia

que a palavra estabelece, valendo para os imor
tais como para os mortais divinizados mitifica
dos.

Através de Horácio percebemos que a mitolo
gia é um processo dinâmico ativo que continua a
formar novos mitos pela divinização, endeusando
homens e mulheres pela excelência dos benefícios
de suas virtudes. Ele mesmo, como acentuamos, co
opera na criação do mito de Augusto (4,5/4,
15...). Cabe ao vate não apenas recolher os ve
lhos mitos, como produzir novos mitos (4,9). Es
se modo de conceber novos mitos pelo endeusamen
to continua em pleno vigor, graças aos meios de
comunicação; vejamos-se as divindades do cinema...

Com o correr dos tempos, sobretudo, por in
fluência do cristianismo, a palavra mito passou
a ter o significado de mentira, falsa crença. Pa
ra Horácio, o mito neste sentido resulta de uma
indevida interpretação. Seria um erro fazer do
"nêscio" Aquiles, sempre colérico e do ambíguo
Ulisses modelos positivos de vida (1,6,6). O mi
to ensina e quase sempre oferece uma lição ecoló
gica de respeito aos limites da natureza, admi
nistrada pelos deuses.

A mitologia de Horácio

Na mitologia de Horácio, Júpiter é o **deus supremo e único**, que dos céus governa a terra, o mar, os ventos, os reinos dos mortos. Submete-se a seu poderio todas as divindades e seres mortais, os homens e suas cidades. E assim como os reis reinam sobre seus povos, ele reina sobre os reis, "Imperio regit uno aequo", rege tudo sozinho e com equidade (3,4,48/3,5,1/3,1,6).

Júpiter dirige tudo, mas interfere em tudo, através de **espíritos intermediários**. Não seria fácil estabelecer a hierarquia destas forças que servem à **Providência divina** de Júpiter. Convivem com ele altas potestades, cabendo o posto mais elevado, à deusa Minerva (1,12.19). Há espíritos mensageiros que realizam missão especialmente entre os homens, como Mercúrio. Cada Deus superintende um reino da natureza, por exemplo, Netuno cuida do mar. Por outro lado, o universo é povoado de divindades, cada qual com seu ofício. De modo que todo e qualquer ser ou atividade do universo se liga imediatamente a uma divindade. Tudo fica, pois, sob a salvaguarda dos deuses: o nascimento, a morte, um animal, uma árvore, uma flor, uma folha, uma montanha, um rio... Um cristão chegou a dizer que entre os pa

gãos tudo era deus menos o próprio Deus, sofismando sobre a palavra deus.

Ainda segundo Horácio, contam os mitos que houve uma **rebelião contra Júpiter**, promovida pelos Titãs e pelos Gigantes. Na escalada contra o deus supremo, estes monstros provocam um pavoroso cataclismo, arrancando árvores pelas raízes e atirando-as como se fossem projéteis, colocando montanha sobre montanha. A guerra termina com a vitória de Júpiter e o castigo dos revoltosos (2,19,22/3,1,7/3,4,43).

Quanto ao homem, o mito o concebe como uma criação divina. Ele chama a Júpiter de "pater et custos" criador e protetor da gente humana (1,12,49), embora indiretamente. Uma vez Prometeu criou o homem do limo 1,16,13. Certamente dotado de uma alma imortal "particulam divinae aerae", o sopro divino (Sat. 2,2,79). Não aceita a **metempsicose** e a ridiculariza, afirmando que se morre uma única vez, "et calcanda semel via leti" (1,28,16). No mito, se concilia a liberdade humana com a Providência. Na história do homem há sempre um **pecado original** que pesa sobre toda a posteridade. Prometeu ao roubar o fogo do céu, "fraude mala", abriu o caminho para todas as desgraças (1,3,25). O crime dos pais recai so

bre os filhos (3,6,1) e exige reparação. Através do pecado original se passa da idade do ouro para a decadência.

O mito explica que a história se desenrola em ciclos que se repetem, há **muitas** **humanidades**. Começa-se no alto, no paraíso terrestre, depois vem a queda, seguida de redenção e nova queda (Epodo 16).

Primeiro surge a **idade do ouro**. Ouro assume aqui um sentido metafórico; nesta idade, não se usava o ouro, é que supera as outras idades como o ouro supera os demais metais. Vigorava então um sistema ecológico perfeito. Sem intervenção do homem, a natureza produzia tudo da melhor qualidade e em quantidade exata. Neste equilíbrio perfeito, o homem é naturalmente bom.

Um crime determina o início do declínio, vem a seguir a idade de prata, a idade de bronze e finalmente a pior de todas, a idade do ferro, quando o homem se torna um lobo para outro homem (*Sat.* 1,3,100), vivendo em perpétuas guerras. Chama-se **idade do ferro** porque nela se forjam as armas, usando-se a matéria pelos instrumentos. O desequilíbrio ecológico identifica esta idade.

A certa altura, dá-se a virada, os deuses

se apiedam dos homens e enviam então seus mensageiros para civilizar os homens. Em sua missão, o enviado se serve da poesia para transmitir sua mensagem.

A poesia nasce do mito e se propõe recolher o mito. Assim a poesia, através do mito, exerce seu papel ecológico. A este poeta inspirado, Horácio dá o nome de "vate". Mercúrio, o inventor da lira, é um destes enviados 1,10,1 e forma uma escola de poetas líricos.

Alegoricamente se diz destes poetas, como adverte Horácio (*Arte* 391), que dominavam pelo poder da lira tigres e leões, as árvores e as pedras os seguiam (1,12,8/1,24,13/3,11,2). Assim cabe aos poetas preparar o reinado dos deuses, uma nova idade de ouro, restaurando o equilíbrio da natureza.

Como se percebe, a mitologia ocorre na idade de ferro, funciona como um guia, uma salvação. Quer dizer, em toda idade de ferro, a mitologia se renova. Certamente que a idade do ouro não precisa de uma mitologia, pois, a ecologia não sofre danos. Ela volta, porém, em novos termos. Horácio explica que não houve uma só Helena, não houve uma só guerra de Tróia. Antes dos heróis gregos e troianos houve outros valentes que

lutaram pela posse de uma mulher. Houve muitos Aquiles ... Em todas as idades do ferro se repetem mais ou menos os mesmos fatos, cuja lembrança só sobrevive quando recolhida por um poeta. Sem poeta a mitologia se perde. Os acontecimentos e heróis de uma mitologia conservada valem como protótipos do que aconteceu ou pode acontecer (4,9). O mito é modelar, importa aprender sua lição.

Além de tudo, em todas as idades do ferro, aparecem homens que se notabilizam por seus méritos, por exemplo, descobrindo o cultivo do trigo, da vinha ou qualquer outra grande benemerência. Compete ao poeta, pelo poder de sua arte, realizar o processo de mitificação do herói, impedindo que o homem digno de louvor caia num injusto esquecimento. A Musa impede o homem de valor de morrer, ela o beatifica, o transporta aos céus (4,8,28).

Horácio se sente viver, na primeira parte de sua vida, uma infernal idade pela sucessão de guerras internas, quando Roma se destrói a si mesma, "impia aetas". De fato, logo depois da morte de César pressagia que voltam os tempos de Pirra e que se avizinha um novo dilúvio (1,2,6). E chega mesmo a sugerir que se abandone o solo

maldito de Roma e se busquem as Ilhas Afortunadas, "divites insulas", um lugar ideal em que sempre reina a primeira idade (*Epodo*, 16,42). Porém, com Augusto, um iluminado (4,5,5), retorna a idade de ouro, trazendo o maior dom dos deuses, a paz. Horácio se considera não apenas um poeta mas um vate (4,6,30 e 44) e se integra neste afã de restauração. Ele tem consciência de ajudar a formular o mito de Augusto, em seu lirismo menor. Augusto é um homem, tal qual Baco, Castor, Polux e Quirino e, como eles, participará dos convivas de Júpiter (*Epist.* 2,1,5). Horácio aceita apenas em parte a doutrina evemerista, segundo a qual os deuses seriam homens. Em qualquer hipótese, o papel dos deuses de uma ou outra categoria se reduz a um serviço ecológico.

A paz de Augusto traz consigo fartas meses, os bois pastam tranquilos, refreia-se a licenciosidade, restituem-se os antigos bons costumes, não há mais guerra civil, fecha-se o templo de Jano (4,5/ 4,15). Sobre a Itália, a cornucópia derrama seus frutos (*Epist.* 1,12,29).

MEDIAÇÃO DO MITO

Em Horácio se fundamenta uma ecologia mítica

ca, religiosa. Entre o homem e a natureza se interpõe o mito. A relação com as coisas da natureza se dá através da divindade que a protege. Tudo tem seu deus protetor, cuja presença os mais místicos pressentem. Horácio deixa claro que vê os espíritos da natureza, vê Fauno percorrer seus campos, vê Líber em companhia das ninfas e dos sátiros.

O homem perde o caráter de dono e senhor da natureza, dispondo dela a seu capricho, fazendo dela o que bem entenda. Não se desculpa o mau vezo de arrancar impunemente um galho de árvore, sem objetivo, por pura destrutividade. A natureza pertence a Júpiter que põs um guardião para cada coisa do universo, permitindo que o homem se sirva dela dentro de certos limites. Para usar a natureza, precisa pedir licença, tornando propícios os deuses defensores, através de atos de culto, o sacrifício, que, no entanto, nada valem, sem a retidão de espírito. Se as mãos são puras, os deuses aceitam as mais modestas oblações. Ele faz ardentes preces aos santos de sua devoção: Apolo, Diana, Mercúrio, Vênus, Baco ... Oferece muito incenso, folhas, flores, espigas, coroas ... Derrama libações de leite, vinho ... Imola um porco aos deuses Lares, cabrito a Fau

no ...

Não se poluem as águas, onde os deuses se banham!

Espaço mítico

O espaço do mito compreende: o céu, morada de Júpiter, das potestades e dos homens divinizados.

Debaixo do céu: a terra e os mares.

No interior da terra "o reino de Proserpina", "a casa de Plutão" para onde vão as almas dos mortos, de onde não mais saem; lembremo-nos que Horácio não acredita na reencarnação. Depois do julgamento os bons se encaminham para os Campos Elíseos, "sedes discretas piorum" 2,13,23; os ímpios são lançados no Tártaro ou Orco para pagar suas culpas, quase sempre advindas de algum crime ecológico: somente os homens divinizados, por seus méritos ecológicos, são recebidos nos céus.

O mar

Horácio já antevê o mar como um dos mais preocupantes problemas futuros da ecologia.

Ele opõe o mar à terra. Os deuses destinaram a terra firme como habitação do homem, defi

nido pela própria palavra "homem" como ser terres
tre (homo-humus). Desejaria que o homem deixasse
o mar em paz com seus monstros e divindades, la
mentando a insolência de quem, pela primeira vez,
ousou afrontar, num frágil barco, os oceanos que
separam as terras. De sua parte, reprova o espíriri
to prometêico de tudo aventurar desrespeitando as
leis divinas, tentando mesmo voar com asas nega
das aos homens (1,3). Essas considerações parecem
retrógradas, mas pretendem chamar a atenção para a
inadequada exploração do mar que já se anuncia. Re
prova, em particular, a busca temerária de riqueque
zas que se escondem nos mares distantes da Arábia,
da Índia e a conquista injusta e desnecessária de
outros países. E, como consequência, os mares se
achavam infestados de piratas. O mito conta que um
navio pirata raptou Baco. Pior que isso, os mares
se tingem de sangue, em cruéis batalhas.

Ainda em seu tempo, a navegação não oferecia
segurança nenhuma, dando margem a naufrágios cons
tantes, deixando com freqüência o corpo insepul
to, numa praia perdida, impedindo assim a paz da
alma (1,28,24). O próprio Horácio quando volta
da Grécia para a Itália, quase morre num naufrági
o. Evidentemente que não se evita a morte, evi
tando-se o mar; pelo menos não se corre o risis

de um ímpia morte violenta.

Denuncia-se uma próspera indústria de barcos à custa da devastação de florestas de madeiras de lei e poeticamente os barcos sentem saudade do berço natal, um deles se refere à nobre floresta de pinheiros do Ponto (1,14,11). Um outro se entristece de ter sido extraído das florestas do monte Ida para transportar a impiedade de Páris e Helena (1,15,1).

Tragicamente se percebem indícios de uma pesca descontrolada de peixes raros e caros, fora de estações.

Quando muito tolera a navegação costeira, nem muito rente à praia, nem muito ao largo (2,10,1). (*Sat.* 1,5) Ele nunca mais se atreveria a viajar em mar aberto. Pedê proteção de Vênus para o amigo Virgílio, "metade de sua alma", que necessita ir à Grécia (1,3).

Como poeta lírico, apraz-lhe passar as férias na praia, onde se entrega à leitura (*Epist.* 1,7,11), contemplando, à distância, o mar em fúria (*Epist.* 1,11,19). Dele tira lições ao comparar o Estado mal governado a um barco, no mar revolto (1,14).

Destas objeções que opõe à navegação resulta a reserva que nutre pela epopéia, sobretudo,

na sua vertente marítima. Ele desmistifica Ulisses, ridicularizando-o (*Sat.* 2,5) (*Epist.* 1, 2,18).

A cidade

A terra firme se divide em campo e cidade. A ecologia se punha a propósito, dois problemas: 1) qual a cidade ideal; 2) qual vale mais: a cidade ou o campo?

Horácio cultiva um piedoso respeito pelas cidades porque fazem parte do mito, tendo como fundador um homem, por isso mesmo, divinizado. Toda cidade fica sob o amparo de um deus. Tebas pertence a Baco, Delfos pertence a Apolo, Atenas pertence a Minerva, Roma pertence a Quirino ...

Discutia-se qual a cidade mais ecológica. Havia, então, muitas cidades célebres, provocando o aparecimento de partidários de uma cidade ou de outra (1,7).

Horácio reconhece que Roma merece o título de primeira cidade do mundo 4,3,13. Nada lhe supera a grandeza (*Car. Saec.* 11). E se liga a ela por profundas relações afetivas, acontece que Roma o educou (*Epist.* 2.2,41) (2,16,18).

Ele é um homem do interior. Roma não lhe agrada, por muitos motivos, é uma cidade baru

lhenta, empoeirada, enfumaçada, inquieta, particularmente lhe detesta o espírito guerreiro, preferindo a tranqüila Tívoli, ou a pacífica Tarento (*Epist.* 1,7,44). Sem dúvida que existem outras muitas cidades abençoadas; a maior parte delas, porém, não lhe interessa porque separadas pelo mar de naufrágios, desfrutando-as apenas em fantasia, advertindo que ao mudar de ares, não se muda de alma (*Epist.* 1,11,27).

O campo

Horácio toma parte numa polêmica de amplas conseqüências, imposta pela crise social, a saber, onde se vive mais feliz na cidade ou no campo? De um lado, se alinhavam os partidários da cidade, "urbis amatores" e, de outro, os partidários do campo, "ruris amatores" (*Epist.* 1.10, 1). Horácio torna-se o líder máximo dos partidários do campo. Ele afirma categoricamente contra os adversários: eu digo que são mais felizes os que habitam o campo, não a cidade, "rure ego viventem, tu dicis in urbe beatum" (*Epist.* 1,14, 10). E pergunta, em tom de desafio: "Novistine locum potioem rure beatum?" Conhece-se, por acaso, um lugar melhor que o campo bem-aventurado? Ele acredita que no campo se vive mais conforme

à natureza. O campo tem algo da idade do ouro. Bebe-se a água pura e fresca em uma fonte consagrada às Musas. O clima sempre ameno em qualquer estação. Ouve-se o murmúrio do regato, o canto dos pássaros, o sussurro da brisa, entre as folhas, o mugido dos bois ... As pedras se cobrem de musco. Depois de um almoço frugal, dorme-se a sesta, à sombra de uma árvore, à hora da canícula, quando os Faunos perseguem as Ninfas ligeiras pelos bosques. Passam-se quase todas as horas, ao ar livre. No campo, o espírito se livra de cuidados. Sobra tempo para ler, escrever. Por isso, os poetas fogem das cidades e se recolhem nos bosques. Depois da ceia, reúnem-se os vizinhos que se entretêm em proveitoso colóquio. Foi numa destas ocasiões que alguém conta a **fábula imortal do rato da cidade e do rato do campo**, uma história de carochinha. Um dia, o rato do campo recebe a visita do rato da cidade, em seu miserável tugúrio e lhe oferece, com gosto, uma pobre refeição. Condoído o rato da cidade convida o amigo a vir morar com ele, em seu palácio. Lá se vão os dois. Quando se banqueteiam, irrompe um cão ameaçador. Salvos do perigo, o rato do campo se despede do amigo e volta para seu velho lar, modesto mas sem risco (Sat. 2,6,77).

Horácio sem escrever um livro especial de églogas ou idílios se torna um dos maiores poetas bucólicos de todos os tempos, criando mesmo um novo bucolismo, não de meros quadros rococós, como acontecia com Teócrito e Virgílio. Seu bucolismo se funda na defesa econômica dos campos, devastados e abandonados depois de tantas guerras civis, contribuindo assim com a obra restauradora de Augusto. Ele quer reconduzir o romano às suas origens agrícolas e pastoris, visando despertar amor, dedicação pelo campo para equilibrar a excessiva tendência urbanista da época clássica. No entanto, dentro da obra de Horácio, há poemas bucólicos suficientes para formar um antologia. Vejam-se: as *Epístolas* 1,10/1, 14/1, 16, a *Sátira* 2,6. O *Epodo* 2 se constitui numa deliciosa bucólica satírica...

O Horácio sabe que o campo figura como o lugar privilegiado da ecologia.

Os animais

Sempre entre o homem e um animal medeia um deus, o deus protetor do animal, com o qual se relaciona, o lobo com Marte, o cisne com Vênus ...

Os animais se dividem em selvagens e não

selvagens, de um lado os plácidos, de outro, os ferozes. Eles não convivem entre si (Arte 12). As serpentes não se dão com as aves, nem os tigris com os cordeiros, nem os lobos com as cabras. Tanto que o cervo avista o lobo distante, esquece até do capim em que pasta (1,15,29). Certamente que a causa desta hostilidade entre animais se explique não só por instinto natural, quanto pelo desequilíbrio ecológico. Na idade do ouro, os animais viviam em paz.

Como tratar os animais selvagens? Os animais selvagens também pertencem à esfera do divino. Cabe ao homem resguardar sua criação e pedir que os deuses a protejam. Não há revolta contra o inevitável. Horácio condena o uso de armas, até para auto-defesa. Ele conta que em uma ocasião, fora de si, a cantar sua amada Lalagen, depara com o um terrível lobo que foge do poeta. Este fato lembra o lobo de Gúbio e São Francisco. O homem íntegro não necessita de armas (1, 22). Já na infância lhe ocorrera outro milagre semelhante, ao adormecer no monte Vultur, infestado de cobras e ursos que não lhe causam dano.

Fauno protege sua criação doméstica da investida dos animais selvagens.

E que pensar-se da prática da caça?

Caçar era um hábito inveterado do romano, como constata Horácio (*Epist.* 1,18,40). De sua parte, demonstra verdadeiro desgosto por esta atividade, que satiriza. Ele se ri do caçador viciado que passa as noites, ao relento, esquecido da terna esposa quando vê que os cães fiéis descobrem uma cervas ou quando vê que um javali rompe as redes. De certo que não se refere à caçada de subsistência com permissão dos deuses, mas ao esporte que denota impiedade e se aparenta com a guerra (1,1,25). Quando, no século passado, em pleno romantismo, Lamartine se dá conta da solidarietà universal, jura desembaraçar-se desta detestável agressão.

Diana, a quem Horácio chama de "guarda dos bosques e montanhas", se considera a deusa da caça, porque estabelece equilíbrio, nas leis da selva e protege os animais tenros da avidez dos predadores (1,12,22). O caçador tem de propiciar a deusa, sem magoá-la como fez Agamenão, que com isso atraiu o castigo sobre toda armada grega que fica imobilizada em Áulis. Horácio manda que se tenha diante dos olhos o exemplo de Órion (3, 4,71); castigado por Diana, com pena de morte no inferno, não se entrega mais à caça de animais (2,13,39)!

Vegetariano?

Em face de repetidas passagens da obra do poeta, levantou-se a tese segundo a qual fosse vegetariano. Realmente parece reduzir seu cardápio a vegetais quando diz: "me pascunt olivae, me cichorea et leves malvae" (1.31.15). A certa altura, convida um amigo a cear com ele um prato de legumes cozidos (*Epist.* 1,5,1 *Epist.* 1,12,8). Dá a impressão que assim convém ao poeta se alimentar (*Epist.* 2,1,123).

No entanto, outros textos tendem a desmentir esta hipótese. Quando na cidade, suspira pela ceia no campo, "ceia dos deuses", constituída de favas que Pitágoras proibiu, verduras e um pedaço de toucinho (*Sat.* 2,6,64). Num contexto, embora satírico, descreve o que consta da mesa de um camponês severo: azeitona, herva, malva, um cordeiro sacrificado num dia festivo; um cabrito salvo de um lobo (*Epodo* 2,54) (*Sat.* 2,2,117).

Não parece que fosse um vegetariano convicto. Nem sequer acreditava na metempsicose, doutrina que costuma fundamentar a abstenção de carne. Não faz nenhuma restrição ao consumo de animais. Esse não é o problema. De um ponto de vista ecológico, importa evitar os abusos da mesa.

Os abusos da mesa

A comida independente de que seja animal ou vegetal deve ser simples, frugal, limitada ao necessário. A alimentação vegetal custa menos, fica à mão, é certamente mais saudável, mais leve.

Horácio, na verdade, investe contra a gastronomia que define como "artem caenarum" (*Sat.* 2,4,35) que a partir de então começava a se transformar num atentado aos bons costumes dos antepassados, "mos maiorum", Augusto consegue freiar, por algum tempo, os desmandos culinários que se desenvolviam, estimulados pelo epicurismo vulgar. Horácio já antecipa o que seriam os proverbiais banquetes romanos, durante o império e as *Sátiras* 2,4 e 2,8 já lembram a **Cena de Trimalcião**, narrada pelo autor anônimo do *Satyricon*.

Ainda no campo, sobrevive uma certa simplicidade na mesa, onde nada se compra, "dapes inemptas" (*Épodo* 2,48). Na cidade, não só se compra tudo, mas se compra por alto preço, pois o valor se mede apenas pela raridade, tudo deve provir de lugares distantes e difíceis. Não se come qualquer peixe, nem qualquer marisco. (*Sat.* 2,2/ 2,4). A aparência vale mais que o gosto, prefere-se pavão a galinha, come-se carne de cegonha por ser diferente, esquisito. Que necessi

dade haveria de comer grou com muito sal, farinha e fígado de ganso? (Sat. 2,2).

O excesso na comida pode turvar a partícula da aura divina que habita dentro do homem (Sat. 2.2,79).

A guerra, supremo agente antiecológico

A guerra é o mais devastador de todos os agentes antiecológicos, provocando a subversão total do equilíbrio da natureza.

Ela destrói tudo a começar pelo supremo valor do universo a vida humana. Não é pelo fato de se deixar de ir à guerra que se evita a morte, a morte é inevitável, mas a guerra traz a morte violenta quando não a escravidão. Por isso, a guerra vem a ser causa de tantas lágrimas, "bellum lacrimosum" (1,21,13).

E não só, arrasa cidades sem poupar os templos, arruina os campos e tinge os mares de sangue.

Horácio define a guerra como a suprema irracionalidade, a força bruta sem sabedoria, a força a serviço do crime (3,4,65). É uma violência nefanda que resulta da ira que se transforma em cólera. Prometeu ao criar o homem de barro insuflou nele partículas de todas as coisas e,

entre outras coisas, lançou no coração do homem a violência insana do leão (1,16,13). A cólera primeiro se serve da força corporal, depois de bastões e enfim inventa as armas (4,15,19) e gera a carnificina (3,2,13).

Acima de tudo, a guerra se constitui no maior pecado contra a religião, "impia proelia" (2,1,30). Resulta de um crime, que exige reparação para se restabelecer o equilíbrio rompido (1,2).

A guerra tem seu arquétipo mítico: a guerra dos Titãs e Gigantes contra Júpiter, uma guerra ímpia que desorganiza toda a natureza. A sabedoria vence e os monstros são encarcerados nos infernos. Esta guerra ensina que a força deve ser considerada pela sabedoria.

A guerra de Tróia também traz uma lição inesquecível. Uma guerra estúpida e sem sentido entre os gregos e os bárbaros, (chama os troianos de bárbaros) por causa de uma mulher, mostrando a estultície e a violência de reis e povos e a exploração de tanta gente por um bando de generais (*Epíst.* 1,2,1). Não sente o menor entusiasmo pelos heróis gregos, chama Aquiles de néscio (1,6,6), sempre enraivecido, apenas simpático quando se apaixona por uma escrava. Ridicu

lariza o general em chefe Agamenão que sacrifica a própria filha, em vez de uma ovelha. Ulisses lhe parece um aventureiro astuto, desesperado para reconquistar, não sua mulher, mas sua fortuna! Ele desmistifica os heróis guerreiros, apenas ressalva a descendência piedosa de Vênus, o "castus Aeneas ..." (*Car. Saec.* 41) (*Sat.* 2.3).

Tróia torna-se o protótipo da guerra, um exemplo a se evitar. O mito não exalta virtudes guerreiras, exorciza-as.

Não demonstra nenhuma devoção por Marte, deus da guerra sempre insensata. Trata-o de "torvo" (1,28,17), deus sangrento, "cruento Marte" (2,14,13), a quem agrada a mortandade. Só o cultua, quando abandona o combate e vem repousar nos braços de Vênus, a deusa do amor (1.17.23).

No mito das idades da humanidade, a guerra se situa na idade do ferro, época bárbara e selvagem, assim chamada porque nela se inventam as armas feitas de ferro.

Horácio é filho de uma civilização militarista e guerreira, "Roma ferox" (3,3,44), mas não sente nenhum orgulho de sua História, fundada pelos filhos de Marte, deus da guerra e marcada por um fraticídio, quando Rômulo mata Remo (*Épodo* 7,17), o que pesou como uma maldição so

bre o povo romano. É lei que se pague pelo crime dos antepassados (3,6,1). A seguir se seguem as guerras de conquista, em tal escala que o poeta se pergunta se houve um lugar da terra em que o romano não tenha vertido seu sangue (*Epodo* 7). Ele não se vangloria deste passado, sua indignação sobe de ponto quando irrompem as guerras civis a partir de 91, com a Guerra Social.

Em 87, estoura uma guerra civil de largas conseqüências entre Mário e Sila. Em 73, sacode a Itália, a revolta dos escravos, liderados por Espártaco (3,14). Já adolescente, acompanha a guerra civil entre César e Pompeu.

Em 44, acontece um dos fatos mais funestos para a História de Roma, o assassinio de Júlio César, que daria margem a uma tremenda guerra civil.

Já no meio de sua vida, assiste a mais violenta guerra civil pelas implicações internacionais, entre, de um lado, Otávio e, de outro, Marco Antônio, associado a Cleópatra. Numa ode imortal (1,37), celebra a vitória de Otávio, em Actium.

A partir de então Roma conhece uma era de paz.

Horácio detesta a guerra; como se explica

que se deve a ele a mais aliciante máxima em prol da guerra: "Dulce et decorum est pro pátria mori" (3,2,13)? É doce e belo morrer pela pátria. Feita a restrição que pátria tem o sentido tradicional de "terra pátria", terra dos antepassados, exalta Lólio que, entre tantas virtudes, não hesita em morrer pelos caros amigos ou pela pátria. Quer dizer: morrer pela terra dos pais e pelos amigos (4.9.51).

E lembra o exemplo edificante de Codro (3, 19).

No entanto, na batalha final de Fílipos, abandona o escudo e foge quando seu lado conhece a mais amarga derrota, e explica que o deus Mercúrio o cobriu com uma nuvem para poupá-lo sendo salvo por um milagre, pelo deus que protege os poetas. Ele tinha uma missão a cumprir. E no fundo, se convencera que, nas circunstâncias, não se tratava de morrer pela pátria, lutava-se apenas pela ambição de poder.

Na verdade mesmo, só acha sentido em morrer de amor. Ele diz a Lídia, para lhe provocar ciúme, que não hesitaria em morrer por Cloé, ao que ela lhe responde, com as mesmas intenções, que por Calais suportaria morrer duas vezes (3. 9).

Horácio se consagra como **poeta do amor, não da guerra**, a não ser que se trate da guerra do amor, pois concebe o amor alegoricamente como uma guerra. Ele serve, não no exército de Marte, para o qual não tem nem aptidão nem entusiasmo, (*Epist.* 2,1,124) serve no exército de Vênus, a deusa do amor. E neste serviço, não hesita em passar noites de frio, vigiando a porta da amada (3,10/ 1,25). E chega a confessar que militou no exército de Vênus com muita glória (3,26,2). No amor há grandes batalhas "dura proelia", "grande certamen" (3,20), porque Vênus se compraz em aproximar almas dessemelhantes (1.33,10) e nesta batalha sempre sobrevivem vencidos e vencedores. E depois de muitos anos de guerra, no fim de seu serviço, vai levar seus votos ao templo de Vênus (3,26). Nada obstante, depois de uma longa trégua, de novo, Vênus lhe move guera, "rursus bella moves, Venus, mater saeva Cupidinum" (4,1,1), aos cinquenta anos de idade.

Horácio inaugura na literatura ocidental, uma linha pacifista, e se dá como exemplo de contestador da guerra, ao repetir tantas vezes que abandonou o escudo no campo de batalha e fugiu.

E tão longe vai seu antimilitarismo e antibelcismo que repudia tudo que se relaciona com a

guerra como a caça e os exercícios no Campo de Marte e inclusive a briga à moda dos bárbaros, 1,27,1). Ele abre apenas uma exceção para a sátira, uma sublimação da ira, um modo de ensinar pelo ridículo, justificando-se que nunca passa dos limites, reconhecendo as origens fesceninas e, pois, religiosas do gênero (*Epist.* 2,1,145).

Essa mesma aversão pela guerra, o leva a detestar a epopéia, dando desculpas que não ti nha talento, nem vocação para a empresa. Na ver dade, se nega a cultivar um gênero que celebra a guerra, detestada pelas mães (1,1). Vênus, Baco, as Musas o proíbem de celebrar feitos bélicos.

Convencido da tragédia ecológica que a guer ra representa, contrapõe, como antídoto, a paz e o amor, sua musa é "imbellis" e "jocosa".

Ele reza fervorosamente a Apolo e Diana pa ra que afastem a guerra e os outros cavaleiros apocalípticos: a peste e a fome (1,21).

A escravidão

A escravidão se configura como a mais fre quente mancha ecológica da História: um homem tratado como um animal, uma mercadoria. A fonte principal deste crime provinha da guerra, quan do sob pretexto de generosidade, em vez de matar

se vende ou usa o vencido (*Epist.* 1,16,69).

Horácio descreve, com realismo, a degradante compra e venda de escravos (*Epist.* 2,2). Denuncia os maus tratos e a irracionalidade dos castigos desproporcionados à falta (*Sat.* 1,3,80). Demonstra a utilidade do escravo a quem cabe todo o serviço difícil e essencial à cidade (*Epist.* 1,16,70).

Por coincidência, Horácio era filho de um escravo liberto, "ut me libertino patre natum" (*Sat.* 1.6,6) e não se envergonha disso, ele se orgulha do pai e o enaltece como nenhum outro pai jamais foi enaltecido. Quando apresentado a Mecenas, homem de nobre estirpe, começa por lhe contar, sem constrangimento, sua filiação modesta e se alegra ao verificar que o todo poderoso conselheiro de Augusto escolhe seus amigos não pela linhagem, e sim pelos méritos. E tendo consciência de escrever uma obra imortal "exegi monumentum aere perennius", "non omnis moriar" (*Epodo* 3.30), faz questão de deixar exarado nela, várias vezes, sua condição de filho de escravo.

E como se explica o fato que tinha escravos a seu serviço? Certamente que não lhe caberia revolucionar as sólidas instituições do direito romano, mas soube, na vida prática, humani

zar o tratamento dos escravos, criando uma relação de camaradagem. Ele conta, por exemplo, que os pratos apenas tocados, nas ceias, pertenciam aos escravos e que estes se comportavam até com certo atrevimento, "vernas procaces" (*Sat.* 2.6, 66) e os chama, com ternura, de riqueza da casa "ditis examen domus" (*Epodo* 2.65). Em relação ao amor não admite distinção entre mulheres livres e escravas. Ele exorta: não tenhas vergonha de amar uma escrava, "non sit ancillae tibi amor pudori", e lembra que Aquiles amou Briseis (*Epodo* 2,4).

Talvez se possa dizer que Horácio tenha sido o primeiro grande **poeta dos escravos**, um precursor de Castro Alves. A sua sátira sétima do livro segundo, pode figurar como uma manifestação pioneira do gênero. Ele conta que nas Saturnais de dezembro, de um ano qualquer, de acordo com os antigos costumes invertiam-se ficticiamente os papéis, entre senhores e escravos. Num jogo da verdade, o escravo tinha permissão de dizer o que pensava do senhor. Davo, escravo querido, prova que Horácio vive como escravo, tem mil donos. A certa altura, pergunta: de nós dois quem é realmente livre? "Quisnam igitur liber?" É verdadeiramente escravo quem não sabe

viver com o necessário e suficiente, quem vive sob o temor e todo homem muito ambicioso vive sob o temor. Por outro lado, ensina que a liberdade vale mais que todas as riquezas "libertate potiore metallis" e tenta mesmo mostrar que nem a escravidão destrói a liberdade humana, nem se quer a morte. A propósito se refere ao diálogo entre Penteu, tirano de Tebas e Baco, sob disfarce. Penteu ameaça escravizá-lo e Baco lhe responde que um deus o libertará "ipse deus ... me solvet". E Horácio explica o sentido do mito; Baco quis dizer a Penteu: o máximo que podes fazer é matar-me "mors ultima linea rerum est". (Epist. 1,16), não me tiras a liberdade. Castro Alves diante da sepultura de um escravo revive a mesma lição: "Há pouco a liberdade o desposou".

ECOLOGIA PAGÃ E CRISTÃ

Oito anos após a morte de Horácio, marca-se a data do nascimento de Cristo, que funda uma nova religião, incompatível com o paganismo. Cristianismo e paganismo entram em choque. Apesar de violentamente perseguidos pelos pagãos, os cristãos se multiplicam, "o sangue dos mártires é se

mente" e triunfam, impondo outra visão do mundo.

Com o declínio da religião pagã, declina também o império romano que nela se fundava. Os bárbaros invadem aos poucos as fronteiras do império, em 402 p.C., Alarico invade a Itália e, em 410, Roma.

Diante de tamanha calamidade, os últimos pagãos que restavam fiéis aos velhos deuses indoeuropeus, gregos e latinos se enchem de indignação e responsabilizam os cristãos pelos nefastos acontecimentos porque substituíram a proteção poderosa dos deuses pagãos pelo Deus cristão que não teve virtude de impedir a desagregação do império. Os cristãos tinham expulsado os deuses que verdadeiramente cuidavam do império e os deuses vencidos se refugiam, como último reduto, nas vilas (pagus), marginalizados.

Santo Agostinho (354-430) entra nesta polémica e responde com o livro *De Civitate Dei*, escrito entre 413 a 426, tentando provar que o império desabou exatamente pela impotência de seus deuses falsos, que nada mais eram que homens divinizados e manipulados pelo demônio.

Assim, o cristianismo despoeva o universo dos pagãos de seus deuses intermediários que velavam por todas as coisas e ocorrências, acusam

do-os, não raro, injustamente de politeísmo e ridicularizando-os pelo fato de terem deuses para tudo!

Nesta transição do paganismo para o cristianismo, a ecologia que funcionava efetivamente no paganismo, graças à sua visão do mundo, sofre, com o advento do cristianismo, quebra de continuidade. Não há mais deuses guardiães entre os homens e as coisas. Só há um deus único e pessoal que age em todo universo diretamente, sem intermediários. O homem aparece como uma criatura privilegiada, senhor absoluto de todas as coisas.

Com estas concepções mal assimiladas, desvirtuadas, vem a fase mais bárbara da Idade Média que rompe o equilíbrio ecológico, sendo dominada por guerras infindáveis, devastação, fome, peste, improdutividade ...

Todavia, dentro do cristianismo, se desenvolve uma corrente mística, estimulada sem dúvida pelo esoterismo, que atinge seu ponto mais alto com São Francisco de Assis, que reconhece a fraternidade universal, considerando humildemente todas as criaturas como irmãs: a irmã água, o irmão sol... porque todas as criaturas são filhas de Deus!

No Renascimento, renova-se de alguma forma a visão pagã do mundo, cultuando os espíritos in intermediários do universo.

No romantismo, século XIX, retorna-se às fontes cristãs do misticismo medieval franciscano e se tem uma visão do universo de tonalidade que beira o panteísmo.

Hoje, a ecologia busca uma fundamentação científica, sem renunciar ao misticismo, talvez mais eficaz que a própria ciência.